

# INTEGRALISMO EM SANTA CATARINA: DISPUTAS DE PODER NA SEGUNDA REPÚBLICA<sup>1</sup>

João Vitor de Oliveira<sup>2</sup>  
Agostinho Schneiders<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo identificar a influência do integralismo no estado de Santa Catarina, nos âmbitos político e social durante a segunda república. Para alcançar esse objetivo foi contextualizado historicamente no âmbito geral, nacional e do estado. A metodologia utilizada foi a exploratória bibliográfica. Os resultados encontrados na pesquisa foram que o integralismo está contextualizado no período entreguerras, período de muita convulsão social no mundo inteiro que foi afetado por guerras e crises econômicas. No Brasil não foi diferente, o período é marcado pela crescente industrialização e crise na Primeira República que dá estopim a Revolução de 1930. Em Santa Catarina o cenário político também muda com a Revolução. A ideologia integralista é inspirada no integralismo lusitano e fascismo italiano, tem como características o ruralismo, ultranacionalismo, antiliberalismo, anticomunismo, antimaterialismo, anti-industrialismo e o espiritualismo com base na doutrina da igreja católica. Em Santa Catarina o integralismo surge no começo dos anos 1934, chegando a ter núcleos em quase todos os municípios, se aproveitando da crise de representatividade dos partidos tradicionais.

**Palavras-chave:** Integralismo em Santa Catarina. Era Vargas. Ação Integralista Brasileira.

## 1 INTRODUÇÃO

O período do entreguerras é marcado pelas crises econômicas, mudança de regimes políticos e a ascensão de movimentos de caráter ultranacionalista na Europa. Esses acontecimentos tiveram consequências no mundo inteiro, como no Brasil em que a liderança política da nação é mudada após uma crise da Primeira República.

O presente tema se justifica pela importância que representa ao campo histórico, nos movimentos de massa do começo do século XX com influência do fascismo no Brasil, a Ação Integralista Brasileira (AIB) é um movimento que tem como característica o ultranacionalismo, corporativismo, conservadorismo e tradicionalismo de extrema-direita. Foi fundado em 7 de outubro de 1932 por Plínio Salgado. Formou

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em História da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. 2020.

<sup>2</sup> Acadêmico do curso de Licenciatura em História da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul.

<sup>3</sup> Doutor em Geografia (UFSC), Agostinho Schneiders, professor na Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.

sua célula catarinense em 1934 e tinha o terceiro maior número de afiliados, esse movimento tomou força quando foi formado principalmente, em locais de colonização alemã e italiana, tendo muitos adeptos, o que permitiu ele ganhar relevância política rapidamente, como em 1936 nas eleições municipais em que elegeu diversos prefeitos e vereadores, o que fez que ocorressem perseguições por grupos políticos tradicionais pela sua relevância política e por estar relacionado a movimentos internacionais como o fascismo. Dentro dessa perspectiva, com devida limitação geográfica e histórica, destaca-se a seguinte pergunta central: Qual a influência do integralismo na política e sociedade de Santa Catarina no contexto da segunda república?

Para atingir o objetivo de identificar a influência desse movimento no estado em Santa Catarina no âmbito político e social na segunda República esse artigo pretende contextualizar o período histórico mundial, nacional e estadual de formação do integralismo; definir o que é o integralismo; identificar a história de fundação do integralismo em Santa Catarina e, discutir a influência do integralismo no estado de Santa Catarina.

Nessa pesquisa o método de escrita utilizado é o monográfico. O método utilizado na abordagem é o dedutivo, uma vez que utilizará da análise de documentos recolhidos vinculados ao tema proposto no projeto. A pesquisa proposta para o trabalho, quanto ao seu objetivo, será a do tipo exploratória quanto aos procedimentos, na coleta de dados serão aplicadas as pesquisas do tipo bibliográficas.

O artigo está organizado em três partes, a primeira é a contextualização histórica internacional, nacional e estadual, a segunda parte está disposta a ideologia e a história de formação do Integralismo e a terceira parte contém o integralismo em Santa Catarina.

## **2 CONTEXTO HISTÓRICO GERAL**

Segundo Marx (2006) o ser humano faz a própria história, mas faz ela em circunstâncias que não são escolhidas e sim daquelas que são herdadas dos que vieram antes dele. A partir dessa concepção se faz necessário demonstrar o contexto histórico de formação da Ação Integralista Brasileira, que se passa no começo do século XX.

No plano mundial segundo Saes e Saes (2013) o começo do século XX é marcado pelas disputas de potências imperialistas, como a Inglaterra, que exercia uma hegemonia econômica por quase um século, agora sua estrutura fragilizada pelo crescimento industrial de outros países, como a Alemanha, que recentemente tinha sido unificada. Essa competição entre países pelo domínio de mercados de países independentes e a expansão colonial foi um dos grandes motivos da Primeira Guerra Mundial “[...] o desenvolvimento do capitalismo empurrou o mundo inevitavelmente em direção a uma rivalidade entre os Estados, à expansão imperialista, ao conflito e à guerra.” (HOBBSAWM, 1988, p. 437).

Para Hobsbawm (1995) a Primeira Guerra foi o primeiro conflito de dimensões mundiais, pois ele envolveu pessoas e países de diversas partes do mundo como, por exemplo, os canadenses, indianos e australianos que foram enviados para lutar na Europa, mesmo que os conflitos terrestres tenham acontecido majoritariamente na Europa os conflitos navais ocorreram em todo o globo.

Em paralelo à Primeira Guerra Mundial se sucedeu outro evento que marca o resto do século, a Revolução Russa, iniciada com a Revolução de Fevereiro que tem por motivo a insatisfação da população com o regime czarista e pela participação na Primeira Guerra Mundial. O movimento revolucionário de fevereiro foi iniciado por meio de greves em Petrogrado (Atual São Petersburgo), se espalhando por várias partes do país composto principalmente de camponeses e operários, ganha a adesão dos militares que forçam a abdicação de Nicolau II. Após a queda da monarquia foram formados dois comitês, o Governo Provisório, composto pelos deputados da Duma e o outro o Soviete de Petrogrado, formado pelos trabalhadores, soldados e militantes socialistas. Contudo as exigências da população russa não foram cumpridas, o slogan “Paz, Terra e Pão” sintetizava as reivindicações dos trabalhadores naquele momento (HOBBSAWM, 1988). Após isso houve uma segunda parte, conhecida como Revolução de Outubro, teve início em novembro de 1917 e tinha como exigências a saída da guerra, alimento e reforma agrária.

O Governo Provisório e seus seguidores não souberam reconhecer sua incapacidade de fazer a Rússia obedecer suas leis e decretos. Quando homens de negócios e administradores tentaram restabelecer a disciplina de trabalho, não fizeram mais que radicalizar os trabalhadores. Quando o Governo Provisório insistiu em lançar o exército na ofensiva militar em junho de 1917, o exército estava farto, e os soldados camponeses voltaram para suas aldeias a fim de tomar parte na divisão de terra com os parentes. A revolução espalhou-se pelas estradas de ferro que os levavam de volta para casa.[...] Quando os bolcheviques até então um partido de operários se viram

em maioria nas principais cidades russas, e sobretudo na capital, Petrogrado e Moscou, e depressa ganharam terreno no exército, a existência do Governo Provisório tornou-se cada vez mais irreal; em especial quando teve de apelar às forças revolucionárias na capital para derrotar uma tentativa de golpe contra-revolucionário de um general monarquista em agosto. A onda radicalizada de seus seguidores inevitavelmente empurrou os bolcheviques para a tomada do poder. (HOBBSAWM, 1995, p. 68).

Então, com a liderança de Lênin, os bolcheviques tomam o poder e distribuem terras aos camponeses, indústrias aos operários, estatizam bancos e estradas de ferro. No período posterior a Rússia entra em guerra civil, nesse período diversos grupos se confrontam com objetivo de implantar seu próprio sistema, como o exército branco monarquista, o exército vermelho socialista, o exército verde nacionalista, o exército negro anarquista, o exército azul separatista polonês e tropas de outros países. Esse conflito tem fim em 1923 com vitória dos bolcheviques e estabelecimento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

No período do pós-guerra os governos europeus tentaram reconstruir o modelo econômico e político do século XIX. Entre 1920 e 1921, houve uma forte deflação em preços, fazendo cair a produção na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. Até 1925 segundo Saes e Saes (2013, p. 334):

[...] a Europa viveu um enorme desequilíbrio na busca de sua reconstrução: carência de recursos materiais e financeiros que atingiu de forma menos grave os Aliados, mas de modo profundo os países derrotados na guerra principalmente Alemanha, Áustria e Hungria – os quais enfrentaram adicionalmente os custos das reparações de guerra impostas pelos vencedores.

Os Estados Unidos garantiu a condição de líder da economia global nos anos 1920 se tornando o maior comerciante, realizando empréstimos para a reconstrução da Europa, contudo o mercado ainda demonstrava instabilidade, o que sugere uma fragilidade do esquema que sustentava a economia mundial e que ruiu a partir do aprofundamento da crise de 1929 (SAES; SAES, 2013).

Segundo Hobsbawm (1995) foi essa crise do liberalismo que fortaleceu os argumentos e as forças do fascismo e dos governos autoritários. Paralelo a reconstrução da Europa, acontecia à ascensão de Benito Mussolini na Itália, Sassoon (2009) expõe um fator que ajuda a explicar a ascensão fascista na Itália, a Primeira Guerra Mundial, dado os poucos ganhos da Itália na guerra junto a uma economia em crise que fez aumentar as tensões sociais e enfraqueceu o parlamento italiano, essa conjuntura contribuiu para Mussolini ser nomeado primeiro-ministro em 1922.

Nesse contexto marcado pela crise do liberalismo, segundo Fresu (2019) o fascismo surge como um produto histórico do colonialismo e do seu legado ideológico autoritário e racista de dominação. O fascismo é uma radicalização contrarrevolucionária de massas com base nas classes médias que assume um discurso anticomunista como reação defensiva a revolução russa. Esse movimento recebe apoio da burguesia que abraça esses partidos anticomunistas, racistas e antisemitas, que se radicalizam dentro do contexto do entreguerras.

Em síntese, o contexto mundial na época de formação do Ação Integralista Brasileira (AIB) o período do entreguerras na historiografia, em 1933. Esse período foi marcado pelas cicatrizes da primeira guerra, pela crise do liberalismo e pela Grande Depressão. Todas essas tensões políticas e sociais culminam com a ascensão dos regimes autoritários de extrema direita na Europa, também é marcado pela contestação da hegemonia capitalista quando a Rússia em sua revolução coloca o socialismo em prática.

## 2.1 CONTEXTO BRASILEIRO

O contexto brasileiro no começo do século XX é marcado pela Institucionalização da Primeira República, também conhecida como República Oligárquica por ser o período de predomínio das oligarquias no país. As principais características da Primeira República eram as políticas dos governadores e do café com leite, essas tiveram muita importância para redução de conflitos oligárquicos.

Também eram características o clientelismo, o mandonismo e o coronelismo, elementos fundamentais para sustentar as oligarquias no poder. A política dos governadores ditou o funcionamento da política brasileira, essa política foi utilizada para promover uma aliança entre o executivo e legislativo, que define os objetivos da política dos governadores como:

Tratava-se de entregar a cada Estado federado, como fazenda particular, à oligarquia regional que o dominasse, de forma a que esta, satisfeita em suas solicitações, ficasse com a tarefa de solucionar os problemas desses Estados, inclusive pela dominação, com a força, de quaisquer manifestações de resistência. [...] Para isso, aquelas oligarquias ou organizavam forças irregulares próprias, à base de um banditismo semifeudal, ou valiam-se de organizações policiais assemelhadas em tudo e por tudo a verdadeiros exércitos regionais. (SODRÉ, 1979, p. 304).

Para esses governos funcionarem era preciso dos coronéis, esses tinham poder sobre os eleitores que votavam sempre nos candidatos indicados por coerção ou troca de favores, como o voto não era secreto os trabalhadores tinham medo de retaliação caso não votassem pelo candidato indicado, essa prática que ficou conhecida como voto de cabresto.

A política do café com leite é um pacto político onde as oligarquias paulistas e mineiras alternavam a presidência da república. Essa não explica completamente o jogo político da Primeira República e é criticada como uma simplificação da República Velha, pois oligarquias mineira e paulista tinham importância, mas existiam outras oligarquias relevantes para o funcionamento da política da época.

Na economia, o Brasil continua dependente do café.

De todos os produtos brasileiros modernos, o primeiro e soberano lugar cabe ao café. Já o encontramos na fase anterior, sob o Império, em marcha ascendente e avassaladora das principais e melhores atividades do país. Encontrá-lo-emos agora na República atingindo o zênite da sua grandiosa trajetória, e colocando-se em nível que deixará definitivamente numa sombra medíocre todas as demais produções brasileiras. Mesmo em termos absolutos e mundiais, o café adquirirá posição de relevo. Ele se classificará, no século atual, entre os primeiros, se não o primeiro gênero primário do comércio internacional; e o Brasil, com sua quota de 70% da produção, gozará de primazia indisputada. (PRADO JÚNIOR, 1987, p. 225).

Essa consolidação da economia nas mãos de oligarquias rurais satisfaz interesses do imperialismo onde o Brasil não investia em indústria, continuaria como uma economia agrária exportadora e deixava o mercado interno aberto aos interesses do capitalismo internacional (SODRÉ, 1979).

Na Primeira Guerra Mundial o Brasil assumiu posição neutra, porém com o abate de navios mercantes brasileiros entrou em guerra contra a Alemanha em 1917. A grande importância da guerra foi econômica para o Brasil, onde a cafeicultura foi utilizada para acumular capital investindo na produção da indústria.

A Grande Guerra de 1914-18 dará grande impulso à indústria brasileira. Não somente a importação dos países beligerantes, que eram nossos habituais fornecedores de manufaturas, declina e mesmo se interrompe em muitos casos, mas a forte queda do câmbio reduz também consideravelmente a concorrência estrangeira. (PRADO JÚNIOR, 1998, p. 195).

Foi a partir do pós-guerra que a indústria ganha alguma importância, esse crescimento fez aumentar o número de operários com uma grande parcela do

contingente de imigrantes que já estavam treinados ao trabalho fabril. Nesse contexto ganha força o movimento operário do Brasil, principalmente a partir de 1917, quando aconteceu a Revolução Russa.

A industrialização cria a burguesia industrial e o proletariado. A burguesia tem origem na oligarquia rural do final do século XIX que passa a investir em indústrias, já o proletariado tem origem na população assalariada formada por brasileiros e imigrantes europeus que, na Europa, já tinham experimentado o trabalho fabril e vivido os conflitos de interesses que opõem a burguesia ao proletariado. O movimento operário do início do século foi influenciado pelo socialismo e anarquismo, porque os operários brasileiros eram imigrantes europeus que já tinham ideais amadurecidos pela forjada na disputa entre o Capital e o Trabalho (GARUTTI; MACHADO, 2019).

Esses imigrantes com essa experiência passada já sabiam se organizar em sindicatos, criar jornais operários e promover greves, essa experiência é passada para os operários brasileiros e mesmo quando a classe proletária passou a ser de maioria brasileira essas práticas políticas não desapareceram. Em 1917 acontece um dos maiores movimentos populares da história do Brasil como a greve de 17, a maioria das greves segundo Garutti e Machado (2019, p.10) “[...] ocorria devido aos baixos salários, ao excessivo número de horas de trabalho, que variavam de 12 a 16 horas por dia e às péssimas condições de trabalho das mulheres e dos menores.”

Nessa época o movimento trabalhista tinha reformistas, mas foram os anarcossindicalista que influenciaram na greve de 1917. Após os anos 20 esse cenário muda com o estabelecimento da URSS e a terceira internacional, os simpatizantes do socialismo ganham força como uma alternativa em relação ao poder vigente e ao anarquismo.

A decadência da Primeira República dá-se na década de 1920, os motivos são o desenvolvimento de novos grupos na política nacional, como os tenentistas. Contribuem para o fim desse período o desgaste do pacto das oligarquias, das políticas dos governadores e do café com leite. Os tenentistas eram um movimento de oficiais militares devido ao descontentamento político com o jogo político das oligarquias. Segundo Sodré (1976, p. 320):

O tenentismo, fenômeno típico de classe média, era muito mais superficial em sua interpretação e muito mais modesto em suas reivindicações. Começava por supor que tudo dependia dos homens que estavam no poder, e que a simples substituição deles levaria a resultados significativos.

O tenentismo tem atuação de 1922 a 1927, período que acontece uma série de rebeliões dado o inconformismo político da época, como a revolta dos 18 do forte de Copacabana, revolta paulista de 1924 e a Coluna Prestes. Além dessas tensões, a Primeira República foi um período marcado por várias outras tensões sociais em várias partes do Brasil, como o Contestado, Canudos, Revolta da Vacina, Revolta da Chibata e a Revolta da Armada.

Em 1929 a crise atinge o capitalismo após a crash da bolsa nos EUA, no Brasil, onde a economia era baseada na exportação de café, o efeito foi sentido pela baixa demanda internacional do produto. A crise na política cafeeira ajuda a escancarar a crise da Primeira República e põe em circunstância favorável para o problema que vinha a ser sucessão presidencial (SODRÉ, 1976).

A eleição presidencial de 1930 foi o estopim para o fim da primeira república, quando o presidente Washington Luís rompe a política do café com leite indicando Júlio Prestes em vez de um paulista. Isso desagradou a oligarquia mineira, que aliada com a oligarquia gaúcha, lançam Getúlio Vargas como candidato à presidência. Segundo Sodré (1976, p. 322) esse cenário “[...] permitiria polarizar as inquietações reinantes, compondo os ímpetus de rebeldia da oficialidade jovem com as insatisfações de grupos políticos importantes”.

Vargas e a Aliança Liberal perdem a eleição para Júlio Prestes, processo eleitoral que gera inquietação e muitos questionamentos da oposição. O que escala as tensões e acende o estopim dessa revolta é a morte de João Pessoa, o vice de Vargas, assassinado por um adversário político por questões pessoais, mas essa morte ajudou a canalizar a revolta em torno de um evento. Assim começa a revolta, primeiramente com adesão de Rio Grande do Sul, Paraíba e Minas Gerais, após isso outros estados. Washington Luís é deposto quando chegam à capital tropas vindo do norte e do sul do Brasil, formando a Junta Governativa composta por três ministros militares, Tasso Fragoso, Mena Barreto e Isaías de Noronha. Com o apoio dos revolucionários e uma parcela da população, Vargas chega ao Rio de Janeiro e assume como chefe do governo provisório, com esses poderes ele revoga a constituição de 1891 e governa por decreto, nomeando interventores nas províncias brasileiras.

Sodré (1976, p. 323) faz uma análise das causas da Revolução de 30 colocada num contexto mundial da época:

Claro está que a própria revolução foi uma consequência da crise, e não ocorreu apenas no Brasil mas em toda a área subdesenvolvida da América. As formas diversas como reagiram os países desta área tiveram influência nos acontecimentos políticos subsequentes, definindo claramente o conteúdo do que os acontecimentos eram os sinais evidentes à observação.

Em síntese, o contexto brasileiro a formação do Ação Integralista Brasileira acontece nos anos 30 após Getúlio Vargas assumir a presidência do país. Essa tomada se dá por um conflito entre frações da classe dominante pelo controle político do País, somado à crise econômica de 29. É nesse contexto que os ideólogos do integralismo se desenvolvem, influenciados pelos fatores como a crise da Primeira República, os movimentos tenentistas, o desenvolvimento industrial e a ascensão da classe trabalhadora e os movimentos sindicalistas com influências das correntes socialistas da Europa.

## 2.2 CONTEXTO CATARINENSE

Em Santa Catarina, a Primeira República foi marcada por certa hegemonia política do Partido Republicano Catarinense no governo do estado, mesmo com cisões e conflitos dentro do partido, ele conseguiu se manter no poder.

No desenvolvimento econômico de Santa Catarina, Goulart Filho (2007) afirma que a partir de 1880 já existem elementos que dão unidade para a análise sobre a formação econômica catarinense no período entre 1880 a 1945, ele chama de origem e crescimento do capital industrial. Os mais importantes fatos para a nova periodização da formação econômica de Santa Catarina são a imigração principalmente italiana e alemã, as atividades carboníferas, a fundação da colônia militar de Chapecó e o grande fluxo migrante no Norte e Vale do Itajaí.

Nesse período entre 1880 a 1945 o crescimento foi principalmente baseado na pequena propriedade e em atividades tradicionais, predominando o capital mercantil. O crescimento da atividade manufatureira deve ser compreendido pelos adventos da Primeira Revolução Industrial e as tradições trazidas por imigrantes que vinham de regiões industriais da Europa. Essa economia de subsistência estimulou a formação de um mercado interno. Nesse período tem origem as indústrias madeireira, alimentícia, carbonífera e têxtil, que no começo do século XX se consolidam. A Primeira Guerra influencia diretamente nesse desenvolvimento industrial, pois durante o conflito o fornecimento de produtos importados da Europa é interrompido,

estimulando o desenvolvimento de pequenas fábricas em Santa Catarina (Motta, 2011). Também sobre o contexto da Primeira Guerra Goulart Filho (2007, p. 20) argumenta que o sul de Santa Catarina é influenciado pela necessidade de carvão brasileira.

O crescimento econômico no sul catarinense pós-1914 é um reflexo direto da necessidade de carvão, cerceado durante a Primeira Guerra e pela necessidade da indústria brasileira que começava a ensaiar uma diversificação produtiva. As atividades carboníferas se aceleram ainda mais a partir de 1930, com a política protecionista e a industrialização.

Os conflitos sociais da Primeira República também ocorreram em Santa Catarina, o maior exemplo seria o Contestado. A guerra foi motivada pelos sertanejos desapropriados da região para a construção da ferrovia e também pelos operários que depois de terminarem a ferrovia foram demitidos. Formou-se então um grande contingente de pessoas descontentes, onde os monges representavam certa esperança de pessoas que perderam suas terras, seus trabalhos, esse messianismo ajudou na crença de que o contestado se tratava de uma guerra santa, aumentando os ânimos para a luta, numa guerra que custou a vida de aproximadamente 8 mil pessoas (MOTTA, 2011).

Nos acontecimentos da Revolução de 30 o presidente recém eleito do estado de Santa Catarina, Fúlvio Aducci, manteve-se leal ao presidente do Brasil Washington Luís e foi deposto. Uma Junta Governativa assumiu o cargo que logo em seguida é assumido pelo governador interventor Ptolomeu de Assis Brasil, posteriormente Rui Zobarán e Aristiliano Laureano Ramos também assumem esse cargo.

A revolução polariza Santa Catarina em torno de dois partidos: o Partido Republicano Catarinense e o Partido Liberal Catarinense, o PRC, sofreu perseguição política com exílio e prisões, outros intelectuais com medo dessa perseguição fugiram para outras partes do país (MOTTA, 2011).

### **3 HISTÓRIA DE FORMAÇÃO DO INTEGRALISMO**

A gênese da Ação Integralista Brasileira (AIB) se dá na figura de Plínio Salgado, pois o partido está centrado no líder, então a ideologia do partido e de Salgado são indissociáveis. Ele começa sua vida pública no final da década de 1910 quando funda o jornal chamado "O Correio de São Bento". Posteriormente, participa da criação do

Partido Municipalista, com sua formação política e jornalística, ele começa a ser conhecido no meio do jornalismo e foi convidado a trabalhar no "Correio Paulistano", jornal oficial do Partido Republicano Paulista.

A formação das ideias remonta a década de 1920, onde Plínio Salgado participa brevemente da Semana de Arte Moderna, exibindo uma tendência romântico-nacionalista junto ao seu amigo Menotti del Picchia. Em 1926, Salgado publica o romance "O Estrangeiro", onde apresenta ideias como a ideologia ruralista que vai orientar o integralismo. Ainda em 26 ele funda o movimento Verde-amarelismo junto com del Picchia, Guilherme de Almeida e Cassiano Ricardo, movimento vertente do modernismo com caráter ufanista onde defendiam um nacionalismo puro sem influências europeias com tendências nativistas (VIANNA, 2010). Em 1928 Salgado se junta ao Partido Republicano Paulista, participando de uma dissidência cujo líder era Alfredo Egídio de Sousa Aranha. Se elege deputado estadual no mesmo ano, em 30 apoia Júlio Prestes contra Vargas na eleição. Mesmo sem terminar o mandato viaja a Europa e Oriente Médio como mentor do filho de Souza Aranha (TRINDADE, 1974).

Volta ao país no mesmo ano, logo após o início da revolução, defende o governo de Washington Luís com artigos no "Correio Paulistano", mas com a vitória da revolução passa a apoiar Vargas.

Segundo Vianna (2010) é a partir da Revolução de 30 que se abre os debates sobre o futuro do país, foi nesse contexto que as ideias de Salgado amadurecem, principalmente a partir de 1931 onde ele se torna redator do jornal fundado por um antigo empregador de Salgado, Alfredo Egídio de Sousa Aranha, o jornal se chamava A Razão.

O jornal "A Razão" é onde Salgado fórmula de fato o integralismo como uma ideologia, nesse jornal ele emprega o termo Integralismo assumindo um papel de divulgador de seu pensamento, um doutrinador, afirmando constantemente a necessidade de uma doutrina que solucionasse os problemas nacionais (CHASIN, 1978). Neste jornal, Salgado escreve na coluna Nota Política centenas de artigos.

Em uma carta a Schmidt (VÁRIOS, 1936 apud CHASIN, 1978) expõe a linha ideológica do jornal "[...] terá um caráter de nacionalismo radical "[...] estabelecendo um "[...] centro de coordenação dos lugares comuns do pensamento conservador [...]" nessa carta também deixa claro pontos ideológico como o antimaterialismo, o anticapitalismo, a raiz cristã e a repulsa a civilização industrial, mais do que expor a

linha ideológica ele também expõe a intenção de organização política “[...] um começo de organização, de afinação de uma mentalidade que, evoluindo para uma expressão político-social definida e eficiente, poderá ainda um dia dizer ao mundo uma palavra nova”.

As linhas políticas dos editores do jornal estavam baseadas na defesa de um Estado forte que controla todas as instituições sociais, um Estado que é anticomunista, antiliberal, contra o pluripartidarismo que seria então o Estado integralista. Salgado e outros jornalistas do A Razão também mostram sua simpatia pelos regimes fascistas da Europa em vários artigos do Jornal, também em várias ocasiões publicam matérias assinadas por ministros de Mussolini, (COHN; HIRANO, 2010).

Salgado cria a Sociedade de Estudos Políticos (SEP) com o objetivo de reunir intelectuais e políticos contrários ao liberalismo e ao socialismo. A primeira reunião acontece em fevereiro de 1932 na sede do Jornal "A Razão", onde foi discutida e aprovada a carta com os princípios da organização com nove postulados escritos por Salgado. Em março formaliza a criação da Sociedade de Estudos Políticos (SEP), que chega a ter 148 membros, dentre eles parceiros do PRP, alguns intelectuais que obteve contato durante sua carreira e estudantes de direito da faculdade de São Paulo (BARBOSA, 2006).

Posteriormente as reuniões passaram a ser realizadas na sala de armas do Clube Português de São Paulo. A maior tendência ideológica dentro do SEP se concentrava em torno de Plínio Salgado, essa tendência entendia que os estudos e os debates da SEP eram um instrumento a serviço da ação. Salgado propõe em assembleia de maio de 1932 a criação “[...] de uma nova comissão técnica, denominada Ação Integralista Brasileira, com a finalidade de transmitir ao povo, em uma linguagem simples, os resultados dos estudos e as bases doutrinárias da organização.” (SALGADO, 1959 apud BARBOSA, 2006). Nesse mesmo período o jornal A Razão foi empastelado (método de silenciamento de imprensa por meio de destruição de equipamentos) por pessoas envolvidas com o movimento constitucionalista.

Após a criação do AIB como parte do SEP, foi redigido um manifesto com o objetivo de divulgar o movimento publicamente, que foi considerado por Salgado como a primeira expressão política da doutrina integralista. O projeto do Manifesto foi aprovado quase sem alterações em assembleia da SEP, porém devido ao

desencadeamento do conflito entre o estado de São Paulo e o Governo Vargas, Salgado adia a publicação do manifesto, que seria publicado após a derrota dos revoltosos. E em 7 de outubro de 32 é fundado oficialmente a AIB com a leitura do Manifesto de Outubro feito numa reunião no Teatro Municipal de São Paulo criando o primeiro núcleo, sede nacional do AIB (BARBOSA, 2006; OLIVEIRA, 2016).

### 3.1 IDEOLOGIA INTEGRALISTA

Das tentativas de explicar o Integralismo existem duas correntes de interpretação difundidas, a mais popular é de Trindade, que tenta explicar a ideologia integralista como estruturada por meio do mimetismo dos fascismos europeus. Já Chasin discorda dessa interpretação e diz que a historiografia convencional descarta as especificidades sociais e históricas e que:

A ideologia integralista se configura como uma utopia reacionária que intenta frear o desenvolvimento da industrialização e das forças produtivas materiais, haja vista que a progressividade do capital industrial *in limine* levaria ao comunismo, ao materialismo e ao fim da religião. (RAGO FILHO, 2008, p. 187).

Rago Filho (2008) adiciona que no pensamento de Chasin o integralismo é uma forma de anticapitalismo romântico da via colonial. Essa produção não se propõe em tomar um lado nessa questão de o integralismo ser um fascismo ou não, e ambos os autores serão utilizados neste capítulo.

O integralismo segundo Rago Filho (2008) foi um dos primeiros movimentos de massas brasileiros, organizado como Ação Integralista Brasileira tendo Plínio Salgado como líder. Esse partido tinha ambições de instaurar um Estado integral por meio de uma revolução espiritual baseada na doutrina social da igreja. Esse partido de massa segundo Hackenhaar (2009, p. 35) “[...] representou um canal de expressão e participação política para muitos brasileiros, nas mais diferentes regiões do país, que não viam seus interesses contemplados nos tradicionais partidos políticos.”

A ideologia integralista está baseada em algumas características, Chasin (1978) define como parte central da ideologia a utopia ruralista e a crítica à civilização industrial. Trindade (1974), afirma que um dos pilares do pensamento pliniano se dá no contexto do pós-Primeira Guerra, onde o Brasil passa por um processo de industrialização um pouco mais significativo e emergem conflitos sociais, protagonizados por operários já com uma consciência proletária em formação. Desse

contexto surge a posição ruralista contra a modernização técnica de Plínio, segundo Chagas (apud CHASIN, 2019) esse aspecto da ideologia integralista pode ser notado na obra de Plínio Salgado em vários momentos, um dos exemplos é no romance publicado em 1929 chamado “O Estrangeiro” em que quanto mais perto da vida urbana e industrial o personagem vive mais se destacam as características negativas dele, e quanto mais próximo da vida rural mais características boas são elevadas. O pensamento contra o cosmopolitismo também é uma característica ligada ao ruralismo “[...] que é contrária não necessariamente às nações exteriores, bem como estrangeiros, mas o avanço técnico trazido por esses.” (CHAGAS, 2019, p. 16).

A inspiração cristã é uma base importante do Integralismo, isso se mostra presente no Manifesto de Outubro onde Plínio Salgado sintetiza a teoria Integralista, em que começa falando: “Deus dirige os destinos dos povos.”, uma frase que define a raiz cristã e de sua concepção da história, “[...] dentro da ética integralista de inspiração cristã, o valor do homem deve ser avaliado seu trabalho e sacrifício em favor da Família, da Pátria e da Sociedade.” (TRINDADE, 1974, p. 209).

As posições dos integralistas se mostravam resistentes à divisão do Estado e a igreja num momento onde o Estado brasileiro avançava na sua secularização (RAMOS; OLIVEIRA, 2016). Mesmo com a presença da inspiração católica na ideologia integralista “Salgado jamais conseguiu obter apoio explícito da hierarquia católica, embora a tenha procurado continuamente.” (CALIL, 2005, p.139).

Outro aspecto importante a ser destacado acerca da ideologia Integralista, é a luta do espiritualismo contra o materialismo, numa divisão maniqueísta do mundo onde o espiritualismo seria o cristianismo, nacionalismo e a defesa da civilização ocidental, enquanto o materialismo seria todas as forças contrárias a isso como o comunismo, liberalismo e o judaísmo (OLIVEIRA; NASCIMENTO, 2016).

Esse discurso reflete um simplismo teórico em que “[...] qualquer inimigo indivíduo, movimento, partido ou grupo social do movimento poderia ser enquadrado como ‘comunista’, ‘liberal’, ‘judeu’, ‘maçom’, mesmo que na prática não tivesse características comunistas ou liberais.” (OLIVEIRA; NASCIMENTO, 2016, p.17).

O antiliberalismo do movimento integralista segundo Tanagino (2018) está baseado na crise das oligarquias da Primeira República, uma vez que em 1930 era comum a relação entre o liberalismo e as oligarquias, o liberalismo também responsabilizado pela crise de 1929 que abalou economicamente e socialmente o

Brasil. O integralismo também rejeitava o Estado liberal, mesmo antes da formação da ideologia integralista Plínio Salgado já mostrava sua hostilidade em relação à democracia liberal, também eram avessos ao pluralismo partidário e sindical (TRINDADE, 1974).

A ideologia integralista também era, segundo Trindade (1974) anticomunista/antissocialista e se apresenta de três formas diferentes, a primeira numa concepção onde o liberalismo e o socialismo têm a mesma origem teórica e são duas partes da mesma coisa: o materialismo. A segunda forma afirma que o socialismo é uma doutrina “fragmentária” e que já tinha sido superada pelo estado integral. A terceira é um anticomunismo como reação à ascensão da esquerda e tem como objetivo causar medo do comunismo aos adeptos do integralismo.

Sobre a crítica ao capitalismo, os integralistas se centravam em uma crítica genérica ao “capitalismo internacional”, esse seria culpado por todo mal do capitalismo e sem tocar nas questões centrais do capitalismo propõe como solução a moralização do capitalismo através da intervenção estatal.

A propriedade juntamente com a família, desde que abordadas pela perspectiva integralista, seriam a salvação do capitalismo. O que se propunha então era um capitalismo modificado, “moralizado”, uma vez que não negava seus princípios básicos, deixando intactas suas bases econômicas e sociais, a propriedade privada dos meios de produção e a livre iniciativa individual. (VIEIRA, 1978 apud CALIL, 2005, p. 143).

O nacionalismo era também uma parte central do discurso, ele estava mais focado na parte política e cultural do que na econômica, esse nacionalismo criticava o poder dos estados e partidos regionais considerando responsáveis pelo enfraquecimento do País. Traz também como características o anticosmopolitismo, a valorização do homem simples do interior como o suposto depositário dessas tradições nacionais (CALIL, 2005). Os integralistas também se propunham a difundir o nacionalismo “[...] através de comemorações de datas pátrias, da reinterpretação do passado nacional, do culto aos “heróis nacionais”, do estímulo às práticas culturais vistas como tradicionais e da denúncia do caráter “antinacional” de seus adversários.”(CALIL, 2005, p.144). O nacionalismo de Salgado, segundo Oliveira (2016), defendia a reestruturação em torno da coesão nacional com o objetivo de salvar o Brasil dos inimigos internos e externos, para isso será necessária uma ditadura que coloque a sociedade brasileira no "caminho certo" do espiritualismo

embasado e que o comunismo só poderia ser combatido pelo nacionalismo. As forças do nacionalismo deveriam ser lideradas por um líder competente.

[...] sendo este um líder que fosse o representante de todos os valores sociais, morais e religiosos (no caso nacionalista), e, portanto, respeitado dentro de um princípio de disciplina (princípio da hierarquia – culto ao líder). (OLIVEIRA, 2016, p. 151).

Outra característica era a simpatia por regimes fascistas no discurso Integralista que variava a intensidade por ideólogo. Para Salgado, o fascismo italiano foi a primeira reação das forças nacionalistas às forças materialistas e deve ser um exemplo a seguir, tomando a Itália como exemplo, as reações nacionais às forças internacionalistas começariam a surgir em outros países.

Sobre o Estado integral, Miguel Reale, Secretário Nacional de Doutrina e Estudos da Ação Integralista Brasileira desenvolve a concepção Estado de Plínio Salgado, a criação de um Estado integral que seria sindical-corporativo de partido único e sindicato único, uma organização onde:

O corporativismo seria a panacéia para os males do país: seria o fim da luta entre os Estados; o fim dos partidos políticos que nada representavam; o fim dos conflitos entre capital e trabalho; implantar-se-ia “a verdadeira liberdade por que o homem só é realmente livre quando defende um interesse direto”; acabar-se-ia com a “ridícula comédia” das eleições diretas e do sufrágio universal. (VIEIRA, 1978 apud CALIL, 2005, p. 138).

A representação política seria feita pelos sindicatos, o voto seria feito dentro deles, onde decidiram seus representantes. A partir desses representantes o resto dos cargos políticos seriam disputados por eleições indiretas. Os integralistas acreditavam que dessa forma “[...] a representação por classes seria mais autêntica e só através dela se manifestaria a opinião pública verdadeira do Brasil.” (VIEIRA, 1978 apud CALIL, 2005. p.138). O Estado integral também estaria baseado na propriedade privada e num capitalismo com intervenção estatal.

#### **4 INTEGRALISMO EM SANTA CATARINA**

Sobre a pesquisa acerca do integralismo em Santa Catarina, grande parte dos documentos foram confiscados pelo aparelho de repressão do Estado Novo não constando nos arquivos públicos, ou foram destruídos pelos seus donos para esconder a filiação com o Ação Integralista Brasileira (AIB). Uma pesquisa sobre as fontes primárias aponta que “As principais, e possivelmente únicas, informações sobre

a criação dos primeiros núcleos integralistas em terras catarinenses aparecem nos jornais.” (HACKENHAAR, 2019, p.30)

Hackenhaar (2019) explica que mesmo com o uso de fontes primárias, como os jornais, não é possível definir exatamente quando o primeiro núcleo Integralista foi formado em Santa Catarina. Diversos jornais noticiaram a criação do primeiro núcleo mas em várias datas diferentes. Mesmo na historiografia buscando autores em publicações recentes e mais antigas como Walter Piazza, Luiz Felipe Falcão, Carlos Lenzi, não há consenso sobre a data exata de criação do primeiro núcleo catarinense nem o local, alguns autores indicam a criação no vale do Itajaí e outros em Florianópolis.

A única coisa que fica clara é que o núcleo catarinense tem a sua criação oficial no primeiro semestre de 1934 (GERTZ, 1987 apud HACKENHAAR, 2019). O aparecimento desses núcleos estava relacionado ao Congresso de Vitória, que aconteceu em fevereiro de 1934, onde se desenvolvem as bases da organização do movimento, incentivando a disseminação dos integralistas pelo país (PIAZZA, 1985 apud HACKENHAAR, 2019).

Mesmo sem ter certeza da data exata o que podemos constatar é que o Integralismo entra no estado por diversos caminhos, por exemplo, em Itajaí e em Florianópolis, onde é criado o triunvirato liderado por Othon Gama D’Eça, Antônio Portini e Carlos Seabra no mês abril de 1934.

Apesar de ser um estado relativamente pequeno, existia em Santa Catarina o terceiro maior número de filiados à AIB. Já no final do ano de 1934 haviam núcleos em todas as regiões do estado, despertando simpatia de muitos catarinenses, no Vale do Itajaí e Nordeste de Santa Catarina, o movimento cresceu em zonas de colonização alemã e italiana (ZANELATO, 2012; HACKENHAAR, 2019). No sul do estado a difusão das ideias aconteceu também com grupos de imigrantes como os luso-brasileiros. (ZANELATTO, 2012).

A grande aceitação do Integralismo entre os imigrantes pode ser explicada por diversos fatores, o principal seria que os municípios:

[...] passavam por um processo de expansão econômica, e compartilhavam, de certa maneira, de uma frustração política [...] motivada pelas intensas disputas políticas e econômicas que marcavam o estado, pois a maioria da população não via seus interesses contemplados nos tradicionais partidos do estado. (HACKENHAAR, 2019, p. 36).

Dessa maneira as disputas políticas e econômicas, travadas principalmente entre os Konder e os Ramos, criaram um vácuo de representatividade, onde essa nova ideologia, que não estava comprometida com as oligarquias tradicionais, ganha espaço.

Também existiam outros motivos, como razões de classe, o medo de perder suas terras na socialização que os comunistas defendiam e motivações étnicas dos descendentes de italianos e alemães, que viam com bons olhos o fascismo e nazismo, enxergando o integralismo como sua representação no Brasil (BERTONHA, 2001). Essa associação entre nazismo, fascismo e integralismo era desenvolvida também pelos divulgadores do integralismo, que acreditavam que essa associação aumentaria a credibilidade do movimento e atrairia mais filiados (TRINDADE, 2016).

A estrutura do AIB em Santa Catarina começou com os primeiros núcleos (Florianópolis, Itajaí, Blumenau, Joinville, Lages) e após um tempo o estado foi dividido em regiões, cada uma possuía seu chefe regional (ZANELATTO, 2012). Uma evidência da forte adesão ao integralismo é que dos quarenta e dois municípios que existiam no estado, trinta e nove tinham presença de integralista em forma de núcleos (KUEHNE, 1943 apud ZANELATTO, 2012).

O integralismo então se torna uma opção oposicionista aos grupos políticos vigentes no estado, atraindo pessoas provenientes das classes médias, pequenos proprietários rurais e urbanos que não encontravam representação nem lugar nos partidos tradicionais (GERTZ, 1987 apud HACKENHAAR, 2019).

A imprensa teve papel significativo no processo de expansão dos ideais integralistas no estado com vários periódicos publicados, como os jornais Anauê, Pliniano, Flama, Alvorada, A Voz do Sul (OLIVEIRA, 2016; ZANELATTO, 2012).

No ano de 1934 foi a primeira vez que os integralistas tiveram a oportunidade de participarem de eleições dos deputados estaduais para a Assembleia Constituinte. Os integralistas conseguiram 2.425 votos, mas não conseguiram eleger nenhum candidato, porém conseguiram criar relevância suficiente para serem criticados por políticos liberais e republicanos (ZANELATTO, 2012).

O integralismo enfrentou resistência principalmente dos detentores do poder vigente. No vale do Itajaí, por exemplo, a principal oposição vinha de elites locais ligadas aos republicanos, isso pode ser constatado pelas críticas feitas nos jornais

vinculados ao partido liberal e ao republicano, associando os integralistas a uma suposta infiltração nazista e de ligação com o fascismo italiano (ZANELATTO, 2012).

A partir de 1935 a AIB “[...] passou a ser considerada a principal ameaça ao poder das tradicionais lideranças políticas republicanas das regiões coloniais – uma ameaça mais perigosa que o governo de Nereu Ramos.” (HACKENHAAR, 2019, p. 53). Para impedir a expansão do integralismo, um dos modos utilizados foi defender a cassação do registro do partido.

Os liberais como Nereu Ramos e Aristiliano Ramos também contiveram os integralistas a partir de 1934. Tentando pressionar as pessoas a abandonarem o integralismo “Professores eram advertidos que caso ingressassem no movimento teriam seus subsídios e subvenções cortadas.” (HACKENHAAR, 2019, p. 54).

Os comunistas também combateram os integralistas no ano de 1935, esse combate deu chance de Nereu Ramos agir contra os integralistas com a desculpa de estar combatendo extremistas, utilizando a portaria baixada pelo chefe de polícia número 147, em 23 de julho de 1935, que proibia manifestações públicas como marchas e comícios, porque estariam causando perturbações. (HACKENHAAR, 2019)

Mesmo com a rápida existência da portaria 147, foi no período de sua vigência que foi utilizada para dar ar de legalidade nas prisões feitas e desmonte de núcleos como o de São Bento, Canoinhas e Laguna (ZANELATTO, 2012).

As perseguições continuaram a ocorrer a nível estadual onde Nereu Ramos decreta a portaria número 117 no dia 5 de setembro de 1936, em que proíbe o uso de uniformes e símbolos ligados ao AIB e fecha a sede do AIB de Florianópolis. Os motivos do fechamento seriam que, segundo Nereu Ramos, foram feitas ameaças contra a sua administração, uma propaganda contra o pagamento de impostos caso sofressem intervenção estatal. Na sede integralista nada foi encontrado que comprovasse algo irregular (HACKENHAAR, 2019). Nereu Ramos já tinha entrado em desentendimento com os integralistas anteriormente desde 1935 quando assumiu o governo estadual.

Em 1936 ocorreu a eleição municipal onde mostra o crescimento dos simpatizantes do Integralismo em relação às eleições de 1934, em que foram eleitos oito prefeitos, dois deles nos maiores municípios do estado, Blumenau e Joinville, e 72 vereadores em 23 municípios diferentes em de todas as regiões do estado (HACKENHAAR, 2019; ZANELATTO, 2012).

Os integralistas concorreram às prefeituras em quase todas as cidades do estado, com disputas acirradas em vários municípios como Campo Alegre, onde os integralistas perdem por apenas 6 votos (ZANELATTO, 2011)

Entretanto, após as eleições de 1936 os confrontos entre Partido Liberal Catarinense e os integralistas começam a ficar mais violentos, no que resultou na morte de várias pessoas.

A maioria dos confrontos entre integralistas e o poder público eram feitos pela polícia, em que os delegados eram nomeados pelo governador como um método de exercer poder em lugares não controlados pelo seu partido.

Em outubro de 1936 ocorria uma comemoração de aniversário da fundação da AIB em Jaraguá do Sul, devido a portaria número 117 ocorreu um confronto entre um destacamento policial e um grupo de integralistas num salão, deixando um policial e três integralistas feridos. Um dos integralistas, Fernando Sacht vem a óbito após o confronto (HACKENHAAR, 2019).

Após esse incidente quando os policiais estavam passando por Rio do Cerro encontram outra reunião de integralistas, quando a polícia tenta acabar com essa reunião um confronto inicia um tiroteio, do qual Ricardo Strelow, um integralista, é atingido fatalmente (HACKENHAAR, 2019).

Desses acontecimentos existem duas versões dos fatos, uma dos policiais e outra dos integralistas envolvidos. Nos jornais não vinculados aos integralistas, como o Correio do Povo e A Gazeta, afirmaram que a culpa era dos integralistas, pois estavam proibidas reuniões de “doutrinação política” devido a portaria número 117 e que os policiais foram recebidos com violência e apenas se defenderam (HACKENHAAR, 2019; ZANELATTO, 2012).

Na imprensa integralista como o jornal Anauê e Correio do Sul, afirma-se que a reunião era pacífica, os policiais agrediram os integralistas e foi uma chacina. Não é possível com essa evidência achar um culpado para esses incidentes visto que ambos os envolvidos afirmam sua inocência.

O que se pode inferir é que ao mesmo tempo em que continuavam os ataques nos jornais e a associação do integralismo aos extremismos internacionais, o governo do estado fez uso da Força Pública, amparado no Estado de Guerra decretado por Getúlio Vargas em 21 de março de 1936, para atacar os Camisas-verdes em Santa Catarina. Ou segundo Nereu Ramos, combater o ‘hitlerismo’ no estado. (HACKENHAAR, 2019, p.75-76).

No dia 13 de fevereiro de 1937, um dia após um desentendimento entre Othon Gama D'Eça (chefe provincial) e Claribalte Galvão (Secretário de Segurança Pública) sobre a possibilidade de blocos ridicularizando os integralistas. A força policial ataca um núcleo integralista em Blumenau, onde segundo o jornal correio do povo a polícia agiu, pois os integralistas estavam em desacordo com a Portaria nº 117 de setembro de 1936, que determinava que os encontros não pudessem ser feitos de janelas e portas fechadas, ocorre uma discussão que vira um conflito, saíram vários feridos dos dois lados, esse embate deixa a mobília do local totalmente destruída, segundo o periódico integralista Anauê o grupo foi invadido por um grupo armado, (HACKENHAAR, 2019).

Mais um integrante do integralismo morre no dia 13 de agosto de 1937 num conflito com autoridade policial, a vítima era o presidente da câmara Jaraguá do Sul, Ricardo Gruenwaldt, que foi morto a tiros pelo delegado Eucário de Almeida, Ricardo já tinha desavenças com o poder público (HACKENHAAR, 2013).

O estopim do assassinato foi uma reportagem no jornal Jaraguá, onde Ricardo acusa o delegado de “violentar casas familiares” (Nunca fica claro o que isso quer dizer). Mesmo com o estopim levando a entender que era um crime passional, Hackenhaar (2019) afirma que os motivos parecem ser principalmente oriundos de disputas políticas, pois já haviam outros conflitos entre os dois sujeitos envolvidos.

Eucário de Almeida se torna a única pessoa no período a ser condenado pelos crimes cometidos contra integralistas por motivações políticas, visto que no caso de Fernando Schats e Ricardo Strelow nenhuma pessoa foi acusada pelas suas mortes. Eucário é condenado a 21 anos de prisão em agosto de 1938 (HACKENHAAR, 2013, 2019).

Em novembro de 1937 Getúlio Vargas dá um golpe de Estado que institui o Estado Novo e dissolve todos os partidos políticos. Nereu Ramos, que já era governador, foi nomeado interventor do estado, cargo que possibilitava ele nomear os prefeitos dos municípios catarinenses.

Nereu Ramos passa a perseguir ainda mais suas desavenças políticas no estado, se apoiando agora na Campanha de Nacionalização, que visava integrar os imigrantes proibindo o ensino da língua nativa, fechando escolas privadas e criando escolas públicas para ter controle do que era ensinado. Essa campanha foi utilizada

por Nereu Ramos como justificativa para perseguir os integralistas e os integrantes do partido republicano (HACKENHAAR, 2015).

No período de instauração do Estado Novo os integralistas catarinenses tiveram reações tranquilas não ocorrendo nenhum conflito considerável (HACKENHAAR, 2019).

No jogo de xadrez da política brasileira do final da década de 1930, a maioria dos integralistas percebeu que qualquer ação subversiva, qualquer pronunciamento público crítico a nova ordem estabelecida, qualquer ato passível de ser compreendido como uma afronta aos valores estadonovistas era tudo o que Getúlio Vargas e seus aliados desejavam para colocar todo o aparato repressivo estatal contra seus apoiadores de poucos dias (HACKENHAAR, 2019, p.118).

Os integralistas ficaram divididos pelo estado novo, Plínio Salgado, por exemplo, manteve uma postura pública pouco crítica ao Estado Novo e pediu cautela aos Integralistas, ele também foi convidado para ser ministro da educação mas recusou.

Alguns integralistas foram absorvidos pelo Estado Novo, outros “[...] optaram pela neutralidade e silêncio, à espera de melhores dias, enquanto outros procuraram se reunir clandestinamente e manter vivos alguns dos ideais do movimento.” (HACKENHAAR, 2019, p.111). Mas tudo indica que a maioria dos integrantes no estado de Santa Catarina pararam de se reunir após a extinção do partido e não participaram de nenhuma atividade do AIB após aquele momento.

Contudo o regime do Estado Novo começa a perseguir os integralistas assim que é instaurado, acontecem por todo o país perseguições aos integralistas (HACKENHAAR, 2019). Os jornais catarinenses ligados ao sigma começam a desaparecer pelo controle da imprensa do Estado Novo. (ZANELATTO, 2012)

Apesar disso os simpatizantes do Integralismo não desapareceram, em 10 de março de 1938 houve uma tentativa de golpe de Estado planejada pelos integralistas para tirar Getúlio Vargas do poder (ZANELATTO, 2012). Fáveri (2005 apud ZANELATTO, 2012 p. 198) afirma que “[...] também envolveu integralistas do estado, sendo que de Santa Catarina constam do inquérito 70 nomes para serem processados pelo Tribunal de Segurança Nacional.”

Houve movimentações golpistas por todo o país, os integralistas catarinenses em várias cidades como Florianópolis, Joinville, Jaraguá e Porto União e muitas outras pretendiam tomar o poder, porém não tiveram envolvimento direto na preparação para a tentativa do golpe de março de 38, as autoridades catarinenses rapidamente

suprimiram a revolta de março de 38 devido ao seu conhecimento prévio e a ausência de contingente Integralista (HACKENHAAR, 2019).

A tentativa de golpe foi utilizada pelo órgão de repressão do estado catarinense para dismantelar qualquer coisa que sobrou do integralismo em Santa Catarina. Até o ano de 1939 “[...] as autoridades policiais agiram duramente investigando, reprimindo e coagindo todos aqueles supostos envolvidos.” (HACKENHAAR, 2019, p. 249).

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esse trabalho teve como objetivo identificar a influência do integralismo no estado de Santa Catarina no âmbito político e social na segunda república. Para tal, o trabalho foi segmentado em torno de alcançar objetivos específicos, aos quais trariam à tona a resposta do objetivo geral do artigo.

A metodologia utilizada foi a descritiva, quanto aos objetivos foi aplicado a pesquisa exploratória e, em relação a coleta de dados foi do tipo bibliográfico.

Contextualizando o período histórico num âmbito geral, com base em pesquisa bibliográfica foi constatado que este é o período onde a sociedade está se recuperando das marcas deixadas pela Grande Guerra. O capitalismo sofre de algumas crises sistêmicas, como a de 1929 que afetam mundialmente as economias. Além disso, é o período que o socialismo soviético é posto em prática sob a liderança de Lênin. Essas várias tensões políticas e sociais dão força a regimes de extrema direita que surgem como uma reação contrarrevolucionária à Revolução de Outubro.

No contexto brasileiro observa-se que é o período marcado pela crise da Primeira República, devido às oligarquias que também são culpadas pela crise do liberalismo. Nesse período cresce a industrialização brasileira, que aumenta a população proletária, que se organiza em torno de sindicatos inspirados nas ideias de imigrantes que traziam um grande histórico de lutas trabalhistas da Europa. Também ocorrem os movimentos tenentistas, baseados na insatisfação de militares e classe média com as oligarquias. Nesse contexto acontece a crise de sucessão presidencial, que dá origem a Revolução de 30 em que Getúlio Vargas toma o poder com apoio de parte da população, exército e de oligarquias periféricas.

O contexto histórico de Santa Catarina no período anterior à Revolução de 1930 é marcado pela hegemonia política do Partido Republicano Catarinense. Este cenário muda com a revolução, onde Vargas nomeia um interventor do Partido Liberal Catarinense que passa a ser a força política dominante do estado, perseguindo as desavenças republicanas em Santa Catarina.

A formação do integralismo acontece no período pós Revolução de 30, baseado nas ideias formadas nos anos 20, no contexto histórico que Plínio Salgado vivia, onde foi influenciado pelo integralismo lusitano e o fascismo italiano. A ideologia foi gestada no Jornal a Razão e posteriormente na Sociedade de Estudos Políticos (SEP), onde forma o núcleo do que se tornaria a Ação Integralista Brasileira, os ideais do AIB são publicados num manifesto chamado de Manifesto de Outubro.

Com base nas bibliografias consultadas definimos que o integralismo se configura como um movimento que está estabelecido mais no que é contra do que no que é a favor. A ideologia é formada pelo ruralismo, nacionalismo, antiliberalismo, anticomunismo, antimaterialismo, anti-industrialismo, espiritualismo com base na doutrina da igreja católica e com influências do fascismo italiano. O integralismo propunha a formação de um Estado integral, um estado baseado no corporativismo e nos valores conservadores traduzidos no lema “Deus, pátria e família”.

Em relação à origem do integralismo no estado, podemos entender que o integralismo chegou em Santa Catarina no primeiro semestre de 1934 e vindo de diversos lugares. Ele rapidamente ganhou muitos adeptos devido ao vácuo de representatividade causado pelas disputas do Partido Liberal Catarinense e do Partido Republicano Catarinense, principalmente nas regiões coloniais, onde os integralistas utilizaram da popularidade do fascismo e nazismo para obterem maior adesão a suas fileiras.

Em 1934 os integralistas concorrem à eleição dos deputados estaduais para a Assembleia Constituinte, onde consegue um número expressivo de votos mesmo não elegendo nenhum candidato, o que foi o suficiente para chamar a atenção de seus adversários políticos. A partir de 1935 o integralismo tornou-se alvo de duras críticas, tanto pela imprensa ligada ao partido liberal quanto à ligada ao partido republicano.

Constata-se que a Ação Integralista Brasileira ganha relevância social e política em Santa Catarina quando se torna a segunda força política estadual no momento em que elege oito prefeitos e setenta e dois vereadores, principalmente na região do Vale

de Itajaí. A partir desse momento os integralistas passam a ser perseguidos pelo poder estadual, encabeçado pelo governador Nereu Ramos. Nesse período é que acontecem as ações mais violentas, a partir de uma portaria resguardada pela lei de segurança nacional e o Estado de Guerra o governador consegue proibir desfile, comício de integralistas, reuniões de doutrinação política e até o uso do uniforme verde com o sigma e decreta o fechamento de alguns núcleos. O governador utilizava dos delegados para controlar regiões onde ele não tinha poder político. Estes destacamentos de policiais entram em conflito físico com integralistas algumas vezes, como em outubro de 1936 quando Fernando Sacht e Ricardo Strelow são mortos em confrontos que deixam 49 feridos. Outro exemplo é o assassinato de Ricardo Gruenwaldt por um delegado de polícia em agosto de 1937, também ocorrem outros confrontos sem vítimas como fechamento de núcleos e destruição de bens materiais.

O governador sempre tentou manter o ar de legalidade aos seus atos, esses foram divulgados para fora do estado como um combate de Nereu Ramos aos “hitlerismos” que haviam se infiltrado no estado de Santa Catarina.

A partir da instauração do Estado Novo, os integralistas catarinenses se dispersam, uns são cooptados pelo governo, outros deixam de participar do partido e um grupo menor continua na atividade e participa da tentativa de golpe de Estado contra Getúlio Vargas. O golpe contra Getúlio foi totalmente fracassado no estado pelo contingente pequeno de integralistas e pela rápida repressão policial que já sabia das tramas integralistas anteriormente.

O tema de pesquisa “integralismo em Santa Catarina” não se esgota com este estudo. Há ainda muito que precisa ser definido, como uma data exata para a chegada do integralismo em Santa Catarina e também como ele se comportou nesse ou naquele município. Existem, além disso, algumas dificuldades com o estudo desse tema, como a falta de documentos oficiais dos integralistas que Hackenhaar menciona, pois muitos desses foram destruídos pelos próprios devido à perseguição sofrida no Estado Novo.

## Referências

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. A ascensão da Ação Integralista Brasileira (1932 – 1937). In: **Revista de Iniciação Científica da FFC**, v. 6, n. 1/2/3, p.67-81, 2006.

BERTONHA, João Fábio. **Entre Mussolini e Plínio Salgado: o Fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil.** Rev. bras. Hist., São Paulo, v. 21, n. 40, p. 85-104, 2001 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882001000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000100005&lng=en&nrm=iso)>. acessado em 06 Oct. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882001000100005>.

CALIL, Gilberto Grassi. **O INTEGRALISMO NO PROCESSO POLÍTICO BRASILEIRO: o prp entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa.** 2005. 819 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

CHAGAS, Krishna Edmur de Souza. **INTEGRALISMO: fascismo ou forma de regressividade própria ao capitalismo brasileiro?.** 42 f. TCC - Curso de História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

CHASIN, José. **O Integralismo de Plínio Salgado: Forma de regressividade no Capitalismo Hiper-tardio.** Livraria Editora Ciências Humanas LTDA.: São Paulo, primeira edição, 1978.

COHN, Amélia Cohn; HIRANO, Sedi. **Verbetes A Razão (São Paulo)** .In: Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro, CPDOC/FGV, 2010

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil.** São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado, 2001.

FRESU, Gianni. **Civilização ocidental, ideologia colonial e fascismo.** Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 11, n. 2, p. 36-46, nov. 2019. ISSN 2175-5604. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/33953>>. Acesso em: 10 Ago. 2020.

GARUTTI, Selson; MACHADO, Rafael Pires. **A Organização Operária no Brasil da Primeira República (1889 - 1930): Princípios e Tendências.** PRACS: REVISTA ELETRÔNICA DE HUMANIDADES DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIFAP, v. 12, p. 89-104, 2019.

GOULARTI FILHO, A. **Formação econômica de Santa Catarina.** 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

HACKENHAAR, Clayton. **O ASSASSINATO DE RICARDO GRUENWALDT E AS DISPUTAS POLÍTICAS ENTRE INTEGRALISTAS E LIBERAIS EM SANTA CATARINA.** In: Anais do XXVII Simpósio Nacional de História, 27., 2013, Natal.

HACKENHAAR, Clayton. **O integralismo em Santa Catarina: da ascensão ao golpe de março de 1938.** Porto Alegre, 2019.

HACKENHAAR, Clayton. **O Estado Novo em Santa Catarina (1937-1945): disputas políticas e conflitos culturais.** In: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015 Florianópolis.

HACKENHAAR, Clayton. **A Campanha de Nacionalização em Santa Catarina (1937-1945): integração cultural e disputas políticas.** Revista Latino-Americana de História, ISSN-e 2238-0620, Vol. 4, Nº. 14, 2015, p. 151-168

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Impérios – 1875-1914.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 546p.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos: O Breve Século XX: 1914-1991**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995

MARX, Karl. **O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte**. São Paulo: Centauro, 2006.

MOTTA, Alexandre de Medeiros. **Viajando pelas fronteiras de Santa Catarina: Da gênese à atualidade**, 2011

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **O JORNAL A RAZÃO: o ventre fecundo que criou o modelo de totalitarismo integralista**. *Historiæ*, Rio Grande, v. 7, n. 2, p. 129-159, 2016. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/6724/4419>. Acesso em: 26 set. 2020.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de; NASCIMENTO, Michelle Vasconcelos Oliveira do. **As origens do radicalismo: a construção da identidade da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)**. *Oficina do Historiador*, v. 9, n. 1, p. 190-207, 29 jun. 2016.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1998

RAGO FILHO, Antônio. **J. Chasin: a crítica ontológica do anticapitalismo romântico típico da “Via Colonial” – os integralismos**. *Verinotio*, local, ano V, n. 9, p. 187-220, nov. 2008.

RAMOS, Vinícius da Silva; OLIVEIRA, Alexandre Luís de. **“Por Cristo luto; por Cristo vos conclamo”**. Plínio Salgado e o catolicismo no Brasil: um casamento perfeito?. *Oficina do Historiador*, v. 9, n. 1, p. 07-32, 29 jun. 2016.

SAES, Flávio Azevedo Marques de; SAES, Alexandre Macchione. **História econômica geral**. São Paulo: Saraiva, 2013.

SASSOON, Donald. **Mussolini e a ascensão do fascismo**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Formação histórica do Brasil**. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939)**. 2018. 407 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

TRINDADE, Hégio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30**. São Paulo, Difel. Porto. Alegre, UFRGS, 1974.

TRINDADE, Hégio. **A tentação fascista no Brasil: imaginário de dirigentes e militantes integralistas**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2016.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. **Integralismo: nacionalismo, espiritualismo e conservadorismo expansão do pensamento de direita no Brasil na década de 1930**. In: Anais do IV Encontro Nacional de Pesquisadores do Integralismo / III Simpósio do LAHPS – Ideias e Experiências Autoritárias no Brasil Contemporâneo. Juiz de Fora, 2010.

ZANELATTO, João Henrique. **Integralismo: o fascismo brasileiro em Santa Catarina**. *Revista Eletrônica História em Reflexão*, Dourados, v. 5, n. 9, jun. 2011. ISSN 1981-2434. Disponível em:

<<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/1155>>. Acesso em: 09 out. 2020.

ZANELATTO, João Henrique. **De olho no poder**: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na era Vargas. Criciúma: EdiUNESC, 2012.